

porque a sensualidade, quando a não aquece um affecto ou a illumina uma illusão, é fria e escura, como os amplexos do Diabo, no testemunho auctorizado das bruxas.

A novella dramatica de AB é um exemplo admiravel de como um assumpto complexamente escabroso pode ser tratado, não direi já sem obscenidade, mas até sem violencia nem desharmonia. Se a mestria consiste, como dizia Goethe, em trabalhar dentro de limites, nesta novella (guardadas as devidas proporções quanto ao seu conteúdo) ha realmente mestria. Não cedeu AB a nenhuma solicitação de escandalo, como vulgarmente se diz. A narrativa offercia muitas possibilidades de o inserir ou provocar. A todas o auctor ~~se~~ se esquivou ou negou.

E o resultado é uma obra sobria, triste, humana - não porque os sentimentos nella representados sejam, na sua manifestação directa, tipicamente humanos, mas porque o seu na sua essencia intima, e porque o desfecho da narrativa é o natural e humano, o que não poderia deixar de ser.

Distingamos entre a anormalidade dos homens e a anormalidade do que sentem. Pode haver um amor normal entre dois anormaes, não porque elles sejam anormaes noutra cousa que não o amor, mas porque, sendo anormaes no proprio amor, esse amor siga o curso do amor normal. Ao artista compete, ao descrever o anormal, dal-o como normal, isto é, extrahir d'elle o que de humano ha nelle.

Quando Shakespeare escreveu as paginas de delirio do Rei Lear, escreveu, com intuição psychiatrica, confessada dos ~~peritos~~ peritos na materia, o delirio de um demente senil. Não poz, porém, nessas paginas o que um delirio de demente senil contém de demencia senil, senão o que elle contém de humano, e portanto de humanamente comprehensivel, dentro da sua inhumanidade. Em todos nós tudo é ~~virtual~~ virtual; dorme em todos nós, virtual, a humanidade inteira. O caso é sabermos, em cada coisa que sentimos, extrahir o que é universal, rejeitar o que é proprio.

Certo auctor dramatico, meu amigo, leu-me um dia uma peça em que figurava um discurso socialista, feito por uma das personagens. Disse-lhe que o discurso não era real. Respondeu-me, com triumpho, que o tirara, quasi palavra a palavra, de um discurso realmente proferido. Repliquei, como é de comprehender, que era porisso que elle não era real em arte; em arte, accrescentei, é real simplesmente o possivel, não o que aconteceu, que é só uma face particular do possivel geral.

{...} porque a sensualidade, quando a não aquece um affecto ou a illumina uma illusão, é fria e escura, como os amplexos do Diabo, no testemunho auctorizado das bruxas.

A novella dramatica de Antonio Botto é um exemplo admiravel de como um assumpto complexamente escabroso pode ser tratado, não direi já sem obscenidade, mas até sem violencia nem desharmonia. Se a mestria consiste, como dizia Goethe, em trabalhar dentro de limites, nesta novella (guardadas as devidas proporções quanto ao seu conteúdo) ha realmente mestria.

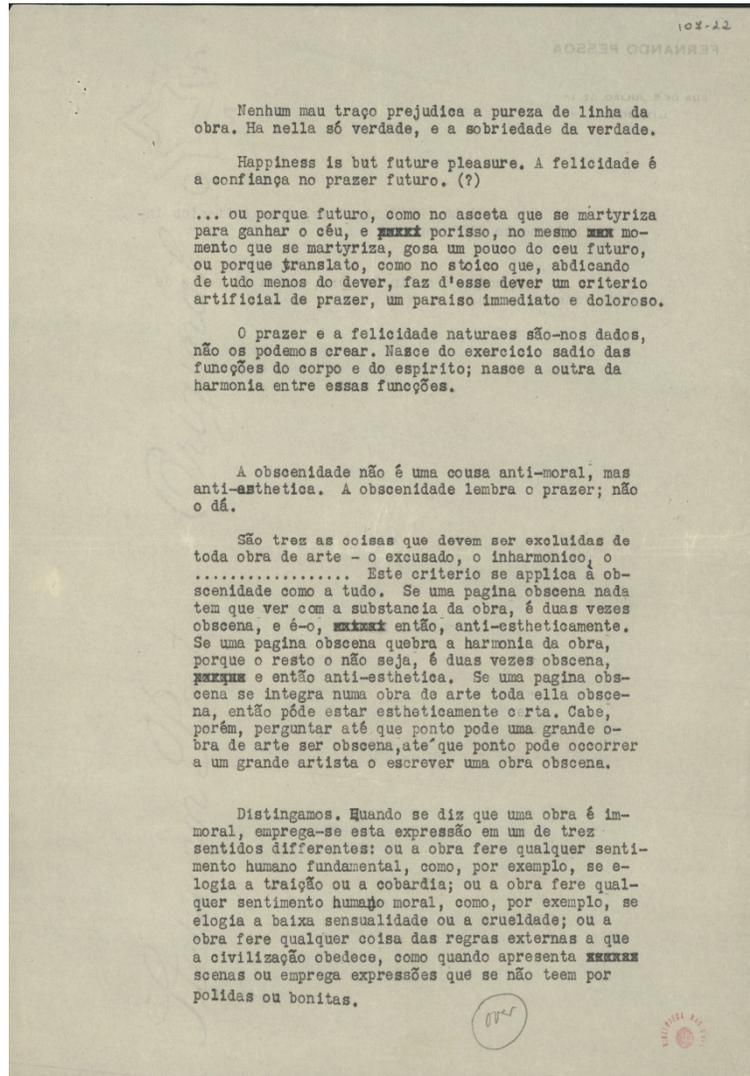
Não cedeu Antonio Botto a nenhuma solicitação de escandalo, como vulgarmente se diz. A narrativa offercia muitas possibilidades de o inserir ou provocar. A todas o auctor ~~se~~ se esquivou ou negou.

E o resultado é uma obra sobria, triste, humana - não porque os sentimentos nella representados sejam, na sua manifestação directa, tipicamente humanos, mas porque o seu na sua essencia intima, e porque o desfecho da narrativa é o natural e humano, o que não poderia deixar de ser.

Distingamos entre a anormalidade dos homens e a anormalidade do que sentem. Pode haver um amor normal entre dois anormaes, não porque elles sejam anormaes noutra cousa que não o amor, mas porque, sendo anormaes no proprio amor, esse amor siga o curso do amor normal. Ao artista compete, ao descrever o anormal, dal-o como normal, isto é, extrahir d'elle o que de humano ha nelle.

Quando Shakespeare escreveu as paginas de delirio do Rei Lear, escreveu, com intuição psychiatrica, confessada dos ~~peritos~~ peritos na materia, o delirio de um demente senil. Não poz, porém, nessas paginas o que um delirio de demente senil contém de demencia senil, senão o que elle contém de humano, e portanto de humanamente comprehensivel, dentro da sua inhumanidade. Em todos nós é ~~virtual~~ virtual; dorme em todos nós, virtual, a humanidade inteira. O caso é sabermos, em cada coisa que sentimos, extrahir o que é universal, rejeitar o que é proprio.

Certo auctor dramatico, meu amigo, leu-me um dia uma peça em que figurava um discurso socialista, feito por uma das personagens. Disse-lhe que o discurso não era real. Respondeu-me, com triumpho, que o tirara, quasi palavra a palavra, de um discurso realmente proferido. Repliquei, como é de comprehender, que era porisso que elle não era real em arte; em arte, accrescentei, é real simplesmente o possivel, não o que aconteceu, que é só uma face particular do possivel real.



Nenhum mau traço prejudica a pureza de linha da obra. Ha nella só verdade, e a sobriedade da verdade.

Happiness is but future pleasure. A felicidade é a confiança no prazer futuro. (?)

... ou porque futuro, como no asceta que se martyriza para ganhar o céu, e ~~porri~~ porisso, no mesmo ~~men~~ momento que se martyriza, gosa um pouco do ceu futuro, ou porque translato, como no stoico que, abdicando de tudo menos do dever, faz d'esse dever um criterio artificial de prazer, um paraíso immediato e doloroso.

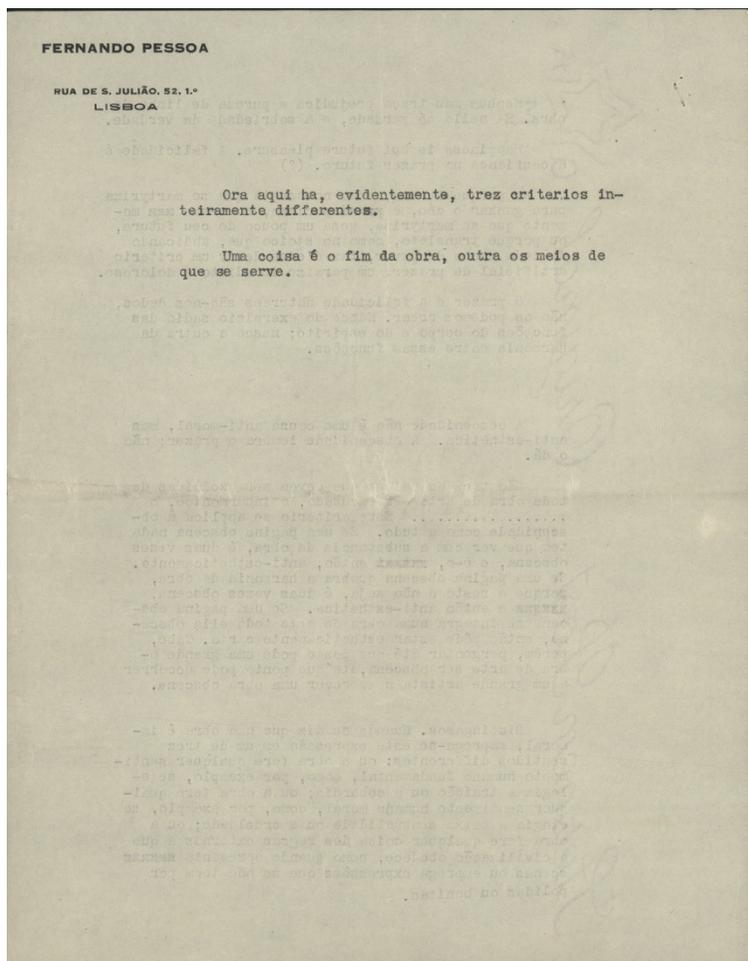
O prazer e a felicidade naturaes são-nos dados, não os podemos crear. Nasce do exercicio sadio das funcções do corpo e do espirito; nasce a outra da harmonia entre essas funcções.

A obscenidade não é uma cousa anti-moral, mas anti-esthetica. A obscenidade lembra o prazer; não o dá.

São trez as coisas que devem ser excluidas de toda obra de arte - o excusado, o inharmonico, o Este criterio se applica à obscenidade como a tudo. Se uma pagina obscena nada tem que ver com a substancia da obra, é duas vezes obscena, e é-o, ~~então~~ então, anti-estheticamente. Se uma pagina obscena quebra a harmonia da obra, porque o resto o não seja, é duas vezes obscena, ~~então~~ e então anti-esthetica. Se uma pagina obscena se integra numa obra de arte toda ella obscena, então pôde estar estheticamente certa. Cabe, porém, perguntar até que ponto pode uma grande obra de arte ser obscena, até que ponto pode occorrer a um grande artista o escrever uma obra obscena.

Distingamos. Quando se diz que uma obra é immoral, emprega-se esta expressão em um de trez sentidos diferentes: ou a obra fere qualquer sentimento humano fundamental, como, por exemplo, se elogia a traição ou a cobardia; ou a obra fere qualquer sentimento humano moral, como, por exemplo, se elogia a baixa sensualidade ou a crueldade; ou a obra fere qualquer coisa das regras externas a que a civilização obedece, como quando apresenta ~~scenas~~ scenas ou emprega expressões que se não teem por polidas ou bonitas.

Over



Ora aqui ha, evidentemente, trez criterios inteiramente diferentes.

Uma coisa é o fim da obra, outra os meios de que se serve.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).